

# Vila Franca de Xira

REVISTA

# FESTA DO COLETE<sup>®</sup> ENCARNADO

3.4.5  
JULHO '26



SAIBA MAIS



CÂMARA  
MUNICIPAL

Ligações Fortes  
cm-vfxira.pt



APOIOS



TURISMO  
LISBOA  
& URGAL  
DO TEJO

# PALCOS

## SEXTA-FEIRA

03.JULHO

### ● CEVADEIRO\*

Parque Urbano de Vila Franca de Xira

21H30 TOY

23H30 FESTA M80

02H30 DJ JOHN GOULART

### ● PEDRO VICTOR

Av. Pedro Victor

22H00 SANGRE IBÉRICO

23H45 PORQUE SÍ

01H30 QUERES É PIMBA

### ● SEVILHANAS.COM

Av. Combatentes da Grande Guerra

20H00 SONIDO FLAMENCO

21H30 SEVILHANAS.COM

23H00 OMEGA FLAMENCO SEVILHA

23H30 VANDO BARROS

### ● MARIALVA

Mártir Santo

21H30 CLUBE DE FADO APRESENTA  
"VOZES DO CONCELHO"

23H00 BRA'THERS BAND

## SÁBADO

04.JULHO

### ● CEVADEIRO\*

Parque Urbano de Vila Franca de Xira

21H30 RAYA EVOLUTION

23H00 FERNANDO DANIEL

00H30 DJ'S RICH E MENDES - RFM

### ● PEDRO VICTOR

Av. Pedro Victor

22H00 BANDIDOS DO CANTE

23H45 D.A.M.A

01H30 DJ PANTALEÃO

### ● SEVILHANAS.COM

Av. Combatentes da Grande Guerra

20H00 RODRIGO LEITÃO

21H30 QUADRO FLAMENCO  
JOÃO LARA

23H00 TWO 4 THE ROAD

01H00 NAMORADOS DA CIDADE

### ● MARIALVA

Mártir Santo

21H30 CLUBE DE FADO APRESENTA  
"TERESA TAPADAS E FRANCISCO  
SOBRAL"

23H00 PAULO PEREIRA & RICKY

### ● TRADIÇÕES

Jardim Municipal Constantino Palha

18H00 RANCHO TÍPICO SAIA RODADA

18H40 RANCHO FOLCLÓRICO  
AS CAPUCHINHAS DE PENDILHE

19H20 AREPA RANCHO FOLCLÓRICO

20H00 RANCHO FOLCLÓRICO DO  
PARQUE RESIDENCIAL DE VIALONGA

## DOMINGO

05.JULHO

### ● PEDRO VICTOR

Av. Pedro Victor

22H00 CAMANÉ

23H20 FADISTAS DE VILA FRANCA  
DE XIRA

### ● SEVILHANAS.COM

Av. Combatentes da Grande Guerra

18H00 SEVILHANAS.COM - INFANTIL

18H30 BALLET ACADEMIA  
SEVILHANAS.COM

19H00 SEVILHANAS E FLAMENCO  
APS CASTANHEIRA

19H30 SEVILHANAS E FLAMENCO  
DA MALVEIRA

21H00 SEVILHANAS.COM

### ● TRADIÇÕES

Jardim Municipal Constantino Palha

16H00 RANCHO TÍPICO AVIEIROS  
DE VILA FRANCA DE XIRA  
- INFANTIS E 3.ª IDADE

16H40 RANCHO FOLCLÓRICO  
CASA DO POVO DE ARCENA

17H20 RANCHO TÍPICO AVIEIROS  
DE VILA FRANCA DE XIRA - ADULTOS



TODA  
A INFORMAÇÃO

\* Concertos interpretados em Língua Gestual Portuguesa

O programa poderá ter alterações por motivos imprevistos.

FESTA DO COLETE ENCARNADO 2026 / REVISTA

**Propriedade** Câmara Municipal de Vila Franca de Xira [CMVFX] **Direção** CMVFX / Presidente - Fernando Paulo Ferreira **Edição** CMVFX / Divisão de Planeamento e Gestão de Eventos Municipais [DPGEM] / Divisão de Comunicação, Protocolo e Relações Internacionais [DCPRI] **Paginação** CMVFX / DCPRI / Patrícia Victorino **Impressão** Santos&Oliveira **Tiragem** 3 000 exemplares **Distribuição gratuita** junho de 2026

DIAS 3, 4 E 5 DE JULHO

# A CAMINHO DO CENTENÁRIO, A FESTA DO COLETE ENCARNADO É TRADIÇÃO!

**A** 94.ª Festa do Colete Encarnado acontece, este ano, nos dias 3, 4 e 5 de julho! São três dias de grande emoção, animação e convívio que transformam a cidade de Vila Franca de Xira.

Nas ruas, nas tertúlias, nas esperas e na corrida de toiros, nos diversos espetáculos e atividades, vivem-se dias diferentes, com pessoas de todas as gerações, oriundas de toda a Região, do País e do estrangeiro. Uma autêntica Festa para o povo!

Com organização da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, a Festa do Colete Encarnado é única no contexto da Área Metropolitana de Lisboa. Reconhecida, em 2020, como uma das 7 Maravilhas da Cultura Popular Portuguesa, foi distinguida, em 2026, pelo terceiro ano consecutivo, com o Prémio Cinco Estrelas Regiões, na categoria de Festas, Feiras e Romarias do distrito de Lisboa.

O cartaz musical tem nomes sonantes do panorama nacional, apresentando Toy, na sexta-feira, dia 3, e Fernando Daniel no sábado, dia 4, no Palco do Cevadeiro. Os D.A.M.A atuam no sábado no Palco Pedro Victor, que no domingo recebe Camané.

O programa conta também este ano com a Festa Oficial M80, e as atuações do DJ John Goulart, Raya Evolution, DJ's Jay Rich e António Mendes, no Palco do Cevadeiro.

O Palco Pedro Victor vai também receber "Sangre Ibérico", "Porque Sí", "Queres é Pimba", "Bandidos do Cante", DJ Pantaleão e Fadistas de Vila Franca de Xira.

No Palco Marialva, há fado com a Associação Clube de Fado de Vila Franca de Xira e também as atuações de "Bra'thers Band" e Paulo Pereira & Ricky, a fechar as noites de sexta e sábado, respetivamente.

Há ranchos folclóricos no Palco Tradições, numa mostra de gerações unidas pela música e dança. E as sevilhanas e flamenco, com o ritmo que transporta alegria e cor, no Palco Sevilhanas.Com, que também irá receber Vando Ramos, Rodrigo Leitão, Quadro Flamengo João Lara, "Two 4 The Road", "Namorados da Cidade".

A Festa do Colete Encarnado traz o campo à cidade, tendo como momento alto a Homenagem ao Campino, no sábado, dia 4. Este ano, Francisco Honrado é o Campino Homenageado, recebendo o Pampilho de Honra com o nome de Joaquim Carlos dos Santos. Depois da cerimónia, sempre emotiva e que enche a Praça Afonso de Albuquerque com campinos, cavalos e público, segue-se o Desfile de Campinos, Cavaleiros, Amazonas e Tertúlias pelas ruas da cidade.

Além da Homenagem ao Campino, a Figura Central da Festa tem ainda dois momentos dedicados na manhã de sábado: a deposição de uma coroa de flores junto ao Monumento ao Campino e a Corrida de Campinos, onde a destreza e mestria dos participantes são postas à prova e sempre muito aplaudidas pelo público.

Os espetáculos taurinos, forte componente da Festa, contemplam as tradicionais esperas seguidas de largadas de toiros, o *encierro* para jovens, a Garraiada da Sardinha Assada e a Corrida de Toiros na Praça Palha Blanco (no domingo, dia 5).

Outro momento, religiosamente simbólico, é a Missa Rociera, na Igreja Matriz, na sexta-feira à noite, com atuação do Coro *Rociero Cosita Buena*. Com chegada no sábado e partida no domingo, a cidade recebe o

Fernando Paulo Ferreira  
Presidente da Câmara Municipal



Cruzeiro/Regata Moita-Vila Franca de Xira-Moita, com a concentração dos barcos tradicionais no Cais de Vila Franca de Xira.

A animação itinerante vai andar pelas ruas da cidade e o Jardim Municipal Constantino Palha volta a receber a Feira de Velharias, Colecionismo e Artesanato Urbano.

O encerramento da Festa, à meia-noite do dia 5, será, mais uma vez, abrilhantado com o tradicional espetáculo de fogo de artifício junto ao Rio Tejo.

Para garantir que todos podem desfrutar dos dias da Festa, vai estar a funcionar o espaço Família, instalado junto ao Tribunal.

E porque as ruas da cidade estarão fechadas ao trânsito automóvel nos três dias do Colete Encarnado, o Município vai garantir, mais uma vez, a oferta de transportes públicos, no quadro de mobilidade sustentável que tem enquadrado os grandes eventos.

Nas madrugadas de 4 e 5 de julho, depois dos concertos, realizam-se comboios especiais gratuitos, com partida de Vila Franca de Xira às 3h20 e paragem em todas as estações e apeadeiros até à Estação do Oriente.

No território do Concelho vão circular shuttles de autocarros gratuitos em direção à Castanheira do Ribatejo e à Póvoa de Santa Iria, entre as 17h00 e as 4h00 dos dias 3 e 4 e entre as 17h00 do dia 5 e a 1h30 do dia 6, com paragens junto a locais com grandes estacionamento.

Há, por isso, muitos e bons motivos para juntar amigos, famílias e aficionados.

**A caminho do centenário, a Festa do Colete Encarnado assinala 94 anos de tradição e de história que marcam gerações!**

# COLETE ENCARNADO O TRIBUTO AO VALIOSO LEGADO DE JOAQUIM CARLOS DOS SANTOS



Campino homenageado – Colete Encarnado 2001.

**A**manheceu fria e chuvosa aquela quarta-feira, 19 de março de 2025. O Dia do Pai quebrou a rotina com a visita da filha Ivone. Não era um hábito familiar, mas naquele ano o destino quis que assim fosse. Quase como uma premonição. A manhã, que se iluminou com o reencontro, culminou num final de dia sombrio. Ainda o sol ia alto e já Joaquim Carlos dos Santos regressava a casa, num mudo prenúncio de fatalidade.

Gracinda Santos irrompeu das suas lides domésticas, sobressaltada pelo regresso prematuro do marido. Ao aproximar-se, percebeu que se queixava alternadamente de frio e de calor. Uma

simples indisposição, tentou convencer-se a companheira de uma vida. Porém, com o avançar da noite, os sintomas agravaram-se drasticamente e, às primeiras horas da manhã de 20 de março, foi contactado o número de emergência nacional, o 112.

## **A data da saudade eterna: 21 de março de 2025**

Após ser encaminhado para o Hospital de Vila Franca de Xira, as primeiras informações clínicas trouxeram algum alento. Tudo apontava para uma alta iminente. O dia arrastou-se em longas horas de vigília e espera, mas o coração da família encheu-se de esperança numa recuperação rápida. Às 8h de

21 de março, Gracinda Santos atendeu a chamada que assombraria o resto da sua vida. Do outro lado, um médico de forma fria desfez toda a esperança. Era a derradeira notícia do fim.

Naquele instante eterno, aquela que por mais de meio século caminhou ao lado do pai dos seus filhos até aos bisnetos, reviu, amargurada, a sua jornada de vida. Assolaram-na as privações de um campino nascido para a terra, entregue de sol a sol ao maneio do gado bravo, mas também o eco das suas maiores alegrias e conquistas. Desabou sobre ela o peso insuportável de uma despedida imposta, a derradeira dimensão da sua perda.



### **Trabalhar com a terra e os animais com Amor**

A admiração que nutria pelo marido, quando vertida em palavras, faz Gracinda Santos clarear a voz. O seu relato ganha, então, um brilho súbito, que afasta por instantes o véu tristonho da saudade e faz erguer o testemunho de uma vida inteira de dedicação, amor e respeito mútuo. Naquele momento a dor da ausência cede lugar ao orgulho imenso de quem partilhou a vida com uma pessoa exemplar. “Admirava tudo no meu marido. Ele teve grandes sucessos, grandes amizades em todo o lado. Eu sempre fui muito orgulhosa. Ele fazia as coisas todas com carinho. Trabalhava com os animais com amor. Exemplo disso é o caso de uma égua

que ao fim de sete anos sem o ver, e sem se deixar montar por mais ninguém, ao reencontrá-lo teve uma reação inesperada: foi só o meu marido ir ao campo, aparelhou-a e montou-a para ir ajudar o meu sogro” recordou a viúva num tom de profunda admiração.

Este sentimento não nascia apenas dos feitos do marido como profissional de referência na campinagem, nem do carinho que todos lhe deviam no círculo familiar e social. A cumplicidade ia muito além do orgulho por ele. Quando foi necessário, foi impulsionada pela coragem indomável de uma mulher do campo e por uma lealdade sem limites, lançando-se na defesa intransigente da vida do seu marido.

### **A tarefa da vaca da Adema**

“O meu marido levantava-se por volta das 6h30. Deitada, dei conta de ter saído. Logo a seguir, ouvi-o gritar: ‘Acudam! Acudam que morro!’ Ele quando saiu, deu de caras com uma vaca perto das casas. Quando virou as costas para fugir, ela apanhou-o. Quando saí à rua, estava ele a ser arrastado pelo chão, agarrado ao pescoço do animal. Descalça e de pijama, corri para ele, que já estava a ficar sem forças. Agarrei-me aos cornos da vaca e não os larguei mais. Ele conseguiu sair de baixo dela, todo esfolado, enquanto eu gritava sem parar. Entretanto, o colega, o Zé, apareceu e agarrou o rabo do animal e foi aí que a larguei

e conseguimos fugir todos. Lembro-me de que o meu filho Luís também apareceu e que a minha nora se sentiu mal quando viu o estado em que ficou o meu marido” recordou Gracinda Santos pesarosa.

### **Sem medo venceu o amor à Arte e à Terra**

O episódio, embora recordado hoje com a consciência do perigo, foi vivido na altura como mais uma batalha vencida na dura faina do campo. Diante do homem da sua vida encurralado e a esvair-se em forças, o instinto de proteção falou mais alto. O marido chegou a confidenciar-lhe: “o que me valeu, foste tu, teres-te agarrado aos cornos da vaca, porque eu já estava a esmorecer”. O momento foi encarado pelos dois como um desígnio natural de quem entrega os seus dias à campinagem. Sem espaço para culpas, receios ou traumas, o que sobrou daquela provação foi a determinação de seguir em frente: Gracinda, apoiando os sonhos do marido; Joaquim, preservando e reiterando o amor pelo gado e pela terra.

### **Um percurso profissional recheado de sucessos (nacionais e internacionais)**

Joaquim Carlos dos Santos viveu a sua arte como poucos. Trazia no sangue a herança de homens que, antes dele, já haviam gravado o seu nome na história da

Lezíria (filho de Joaquim Isidro dos Santos – Pampilho de Honra 2018 e neto de Manuel Isidro dos Santos – Pampilho de Honra 2001). Mas ele acrescentou atributos que quebraram o molde. Não se deixou endurecer pelo sol ou pelas agruras do dia a dia. Em vez disso, cultivou uma relação de harmonia e respeito absoluto com a natureza e com o gado. A serenidade com que executava o seu trabalho, numa sabedoria silenciosa, espelhada em cada tarefa e em cada cavalgada, fez dele um campino único, um mestre por direito próprio.

Fez um percurso profissional de gabarito e esteve ao serviço de grandes casas agrícolas e ganadarias (Manuel Coimbra, Azambuja; Casa Eng.º Rui Gonçalves, Azambuja; Cunhal Patrício, Évora e Ganadaria Palha, Porto Alto).

### **O aplauso que se renova: a consagração final**

Enquanto Maioral da prestigiada Herdade da Adema, levou o mítico ferro Palha às praças de touros mais famosas do circuito europeu, cruzando arenas em Portugal, Espanha e França. O seu brio e competência



valeram-lhe a honra máxima de sair em ombros de vários *ruedos* internacionais. Já no campo, longe dos aplausos do público, era um elemento-chave nas tentas, um pilar insubstituível na seleção da bravura dos afamados touros de lide da Adema. Vestido a preceito e guardião dos costumes, marcava também presença com enorme gabarito nas festas populares, onde a tradição tauromáquica se vive com intensidade e verdade.

A Festa Maior de Homenagem ao Campino, o Colete Encarnado, presta-lhe agora, a título póstumo, um tributo solene. No sábado, 4 de julho, pelas 16h00, na Praça do Município, os seus pares, a família e os aficionados unem-se num abraço coletivo para elevar o nome de Joaquim Carlos dos Santos. Naquele local icónico, o silêncio do pesar e as palmas do reconhecimento farão ecoar o seu legado. Uma justa e sentida consagração a quem tanto deu ao ofício e à criação do touro bravo, num brio que guiará, hoje e sempre, o rumo das novas gerações de campinos. ■



Luís Santos, Joaquim Isidro dos Santos, Ivone Santos e Joaquim Carlos Santos.

Texto: Prazeres Tavares  
Foto: Arquivo Municipal/Álbum da família Santos

# CAMPINO HOMENAGEADO



***“O meu pai já era maioral de vacas. Quando acabei a escola fui para ajuda e depois passei a maioral. Foi sempre esta vida.”***

**Francisco Honrado: Ser campino não se explica, vive-se.**

Há homens cuja história se confunde com a própria paisagem. Homens moldados pelas madrugadas frias da lezíria, pelo som dos cascos na terra húmida, pelo silêncio vasto do campo e pela coragem exigida no trabalho diário com o gado bravo. Homens que nunca precisaram de grandes discursos para afirmar quem são, porque a vida falou sempre por eles.

Francisco Manuel Guerreiro Honrado é um desses homens.

Este ano, os campinos voltam a escolher um dos seus para receber a maior distinção da Festa do Colete Encarnado: a homenagem, na tarde de sábado, a um dos seus profissionais. Um reconhecimento que nasce do

respeito conquistado ao longo de décadas de trabalho, dedicação e fidelidade a uma forma de vida profundamente ligada ao Ribatejo.

Mais do que distinguir um percurso individual, esta homenagem representa também o reconhecimento de uma cultura, de uma memória coletiva e de um património humano que continua a marcar profundamente a identidade de Vila Franca de Xira.

## **Uma vida feita no campo**

A ligação de Francisco Honrado ao campo começou cedo. Filho de um maioral de

vacas, cresceu entre gado bravo, cavalos e trabalho duro. Terminada a escola, aos 12 anos, entrou diretamente na vida do campo como ajuda. Cinco anos depois tornou-se maioral de vacas e nunca mais abandonou a lezíria.

Ao longo do percurso trabalhou em várias casas agrícolas ligadas ao gado bravo, entre elas António José Teixeira, Rafael Vinhais, Pinto Barreiros e Vinhas, construindo uma carreira marcada pela experiência, resistência física e profundo conhecimento do campo.

Vestir a jaqueta e pegar no pampilho pela primeira vez continua vivo na



memória. Recorda esse momento no Campo Pequeno, durante a recolha de uma corrida de touros: “Tinha 26 anos. Essas coisas não se esquecem”.

Na lezíria aprendeu cedo que ser campino exige muito mais do que saber andar a cavalo. Exige disciplina, calma, respeito pelos animais e uma enorme capacidade de observação. Conforme refere, “um verdadeiro campino tem de gostar daquilo que faz. Tem de saber andar a cavalo e ter gosto pelo campo”.

### **O respeito pelo touro**

Ao longo da conversa, Francisco Honrado fala do touro bravo com enorme respeito. Nunca o descreve como inimigo. Pelo contrário. Fala dele como animal que exige leitura, conhecimento e prudência. “O touro tem de ser respeitado. Há touros que deixam chegar mais perto e outros não. Temos de saber até onde podemos ir.”

Esse conhecimento não se aprende em livros. Passa de geração em geração, no terreno, através da experiência acumulada ao longo dos anos. Saber observar o

comportamento do gado, antecipar reações e agir com serenidade são competências construídas diariamente no campo. “O campo ensina muito no silêncio”, sublinha.

As histórias que guarda são muitas. Algumas emocionantes, outras duras. Recorda particularmente um episódio vivido numa praça em Espanha, quando um touro, já em final de lide, caminhou até junto dele antes de cair.

“O touro veio até junto de mim. A praça inteira ficou em silêncio. Nunca mais me esqueci daquele dia.”

Também as quedas, os acidentes e os sustos fazem parte da profissão. Fala deles sem dramatismo, como quem aceita os riscos próprios da vida que escolheu: “Sustos há muitos. Faz parte”, explica.

### **Uma tradição em transformação**

Francisco Honrado olha para o presente com preocupação, notando que “hoje gostam de andar vestidos de campino nas festas. Mas a vida do campo é outra coisa”.

Acredita que a figura do campino continua viva enquanto símbolo das festas e da



*“Os filhos dos campinos é que faziam campinos”*



identidade ribatejana, mas receia pelo futuro da profissão no campo.

As mudanças sociais, os novos ritmos de vida e o afastamento das gerações mais novas do mundo rural têm vindo a alterar profundamente esta realidade. Para Francisco Honrado, a tradição só sobreviverá se houver transmissão prática do conhecimento e contacto real com o campo desde cedo: “Sem começar pequeno não se aprende”.

Ao longo da entrevista fala várias vezes da importância de deixar os mais novos aproximarem-se da vida do campo, dos cavalos e do gado, sem medo excessivo e sem afastamento artificial das tradições. Lembra que “os filhos dos campinos é que faziam campinos”.

Ainda assim, acredita que o gosto pelo cavalo e pelo campo continua a abrir caminhos diferentes às novas gerações, seja no desporto equestre, na equitação ou noutras áreas ligadas ao mundo rural.

### **O homem para além do campino**

Por detrás da figura do campino existe também o homem, a família e os sacrifícios

invisíveis de uma profissão exigente.

Casado há mais de três décadas, pai de dois filhos e avô de quatro netos, Francisco Honrado construiu a vida entre o trabalho duro da lezíria e a dedicação à família. Fala com orgulho dos filhos, dos netos e da casa que foi construindo ao longo dos anos com esforço próprio e muito trabalho: “Nunca pedi dinheiro emprestado. Fui fazendo a vida devagar.”

A vida ensinou-lhe sobretudo honestidade, responsabilidade e perseverança – valores que considera essenciais para



qualquer campino. E sublinha que “tem de se ser sério para os companheiros e para a casa onde se trabalha.”

Apesar das dificuldades, não demonstra arrependimento pelo caminho feito: “Tenho orgulho na vida que fiz”.



## Memória viva do Ribatejo

Num tempo marcado pela velocidade e pela mudança constante, ouvir testemunhos como o de Francisco Honrado torna-se essencial. Não apenas por nostalgia, mas porque ajudam a compreender aquilo que construiu a identidade ribatejana ao longo de gerações.

O som dos cavalos na lezíria, o movimento do gado bravo, as madrugadas frias no campo e a camaradagem entre campinos continuam vivos nas histórias de homens como Francisco Honrado, que defende que “enquanto houver memória, o campino nunca desaparecerá”.

Ao ser homenageado no Colete Encarnado, homenageia-se também toda uma geração que fez do campo a sua vida.

E talvez seja precisamente essa a maior importância desta homenagem: lembrar que há tradições que sobrevivem porque continuam a fazer sentido para as comunidades que lhes dão vida.

Enquanto existirem homens capazes de guardar essa memória, o campino continuará a cavalgar pelas lezírias do Ribatejo – não apenas como símbolo do passado, mas como expressão viva de uma identidade que resiste ao tempo. ■

Texto: **Bernardete Aguiar**  
Fotos: **Miguel Mestre**

# CENTENÁRIO DA GANADARIA BRANCO NÚNCIO

***Num legado de quatro gerações,  
a ganadaria Branco Núncio (BN) é  
reconhecida como uma das mais antigas  
e prestigiadas, prestando glória à festa  
taurina. Nos 100 anos da sua fundação  
falamos com João Núncio para conhecer  
a génese do ferro BN.***



Fomos ao encontro da Herdade de Vale de Lobos, na freguesia de Santiago no concelho de Alcácer do Sal, onde, em cerca de 600 ha, se situa a exploração solar do efetivo de Branco Núncio. Antes de mais, e porque estes apelidos nos remetem para a figura incontornável de Mestre João Branco Núncio, designado por muitos aficionados como o maior cavaleiro tauromáquico português de todos os tempos, tentamos perceber a árvore genealógica. João Núncio (João N.) é neto do Mestre e, juntamente com o seu irmão José, estão hoje aos comandos desta herança secular, partilhada por cinco elementos da família.

João N. conta-nos que os contornos desta ganadaria se desenharam no tempo do seu trisavô quando, para trabalhar as terras pesadas na lavoura, já optavam pelo gado bravo. “Era animal que não amansava e, portanto, não desanimava a puxar o arado. Os de comportamento mais áspero e resistente eram aproveitados para a festa brava e depois de castrados metidos à canga.” Fundada em 1926 com reses de Soler (de Libânio Esquível e Neto Rebelo) e um semental de Belmonte, adquire, mais tarde, um lote de vacas e sementais de D. Carlos Urquijo. Atualmente, o encaste prevalece Murube – Urquijo, num efetivo de 60 vacas, dividido em dois lotes de 30, que permite testar dois sementais de cada vez.

A sua antiguidade registou-se a 5 de outubro de 1930 na praça do Campo Pequeno, em Lisboa e, em 1969, ingressa

na *Union de Criadores de Toros de Lide*, depois de prestar provas com três novilhadas nas praças de toiros de Valencia e Madrid e, ainda, uma corrida de toiros também na praça de toiros Monumental de Las Ventas (Madrid). A este propósito, refere-nos que foi dado um passo importante na defesa da festa brava, quando o Rei Felipe VI de Espanha atribuiu, à referida associação, o título de “Real”, reconhecendo a importância do legado genético, histórico e cultural das ganadarias associadas.

## **Um ano atípico**

A faina campera diária tem mão de um maioral, que acompanha as reses, criadas no seu ambiente natural, entre azinheiras e pinheiros, num pasto que, neste ano atípico pelas recentes cheias, é agora

“É necessário transmitir emoção à bancada.”



mais vasto. Geralmente em março e abril, os toiros costumam estar prontos para serem lidados em praça, porém, os efeitos da chuva na alimentação e movimentação do gado atrasaram um pouco o processo. Rapidamente recuperados encontram-se já com boa apresentação. Explica-nos o ganadeiro que até ao primeiro ano de idade, as reses ficam com as mães em Vale de Lobos e aos três anos são apartados para a Herdade Cortes Pequenas, na freguesia de Torrão.

### **Muito esqueleto e sério no seu trapío**

Sobre a morfologia do toiro da divisa branca e negra, João N. caracteriza-o com muito esqueleto, de pelagem predominantemente preta (preferida em Espanha na linha *Urquijo*) e com vocação natural para toureio a pé. “A exigência de cara é hoje maior”, mas o comportamento tem, na sua análise, primazia. “É necessário transmitir emoção à bancada”, pois no espetáculo é fundamental e ela vem

com a perceção do perigo. É, contudo, um animal “toureável”, como se deseja e onde a essência da tauromaquia brilha.

Nas tentas, as faenas do campo, diz privilegiarem a sorte de varas, “onde realmente se avaliam os rasgos de comportamento, a bravura”. Esclarece que, tendo sido toureiro amador tem esta perspetiva muito própria. Na seleção, o comportamento na investida, a prontidão, a sua resistência e nobreza são aspetos decisivos, permitindo preservar e melhorar as características desejadas na linhagem. Para estes momentos recebem os amigos da Casa, profissionais e abrem portas às escolas de toureio portuguesas e espanholas, não só para apoiar os mais novos, com vista a trazer sangue fresco à Festa, como enquanto veículo de promoção.

### **Resiliência, gosto e orgulho**

Quando falamos em carteira de clientes, João N. conta-nos que a Casa estava muito focada no mercado espanhol, mas



***“Há muito se diz que a festa brava vai acabar e, no entanto, aqui estamos.”***

com o aparecimento da Encefalopatia Espongiforme Bovina (BSE), comumente apelidada de “doença das vacas loucas”, a exportação estagnou. Perderam o interesse no gado português, “como que um boicote, ao que se aliou o aparecimento de uma quantidade significativa de ganadarias espanholas. Com a redução de efetivo, entretanto, decorrida, a presença da Casa voltou-se para o nosso país”, estando a volta àquele

mercado a ser preparada, “porque sejam apenas duas ou três corridas no “país irmão”, a realização do ganadeiro é, de facto, outra, outro prazer”, realça. À data da nossa conversa tinha em agenda a saída do seu curro para a praça batizada com o nome do seu avô, precisamente a de Alcácer



do Sal, integrando o cartel das festividades do S. João (Santos Populares).

A motivação para a continuidade da ganadaria vem de um profundo sentido de identidade, a par de uma verdadeira paixão pela festa brava. Está no sangue e com jeito de continuar ou não falasse, também, Filipe Núncio (seu filho) com notório gosto e entusiasmo por tudo o que encerra o universo tauromáquico. Respira-se esse orgulho no legado, quando este nos mostra, na sala de troféus da Casa do Torrão, várias peças com valor afetivo e cultural do seu trisavô: os estribos e arreios de cortesia, o tricórnio, a cabeçada e os

freios do "Temporal", a montada de Mestre João Núncio. Os *posters* em larga escala dos cartéis de corridas memoráveis forram paredes e o picadeiro, onde o Mestre treinava, guarda as mesmas características até hoje.

Triunfadora em inúmeros concursos, a ganadaria arrecadou ao longo dos tempos inúmeros troféus e prémios também ali expostos.

### **Um legado com futuro**

No contexto contemporâneo de diferentes sensibilidades no que à tauromaquia respeita,

o ganadeiro refere que ainda não conheceu nenhum anti taurino que conheça a fundo a temática, contudo admite que, com a partilha de conhecimentos, poderiam chegar a contributos válidos. Por agora considera haver um movimento desequilibrado pela maior urbanidade face ao campo, que, afinal, "dita as modas". Filipe Núncio afirma que, ao contrário da exposição a que assistimos nas redes sociais em diversas temáticas, "a tauromaquia esconde-se um pouco e deve ser o contrário; mostrar-se transparente, extensível a mais gente, abrindo





**Mestre João Branco Núncio** foi, para muitos, um revolucionário do toureio a cavalo. Atribuíam-lhe delicadeza e elegância na arte.

Nascido em Alcácer do Sal, a 15 de fevereiro de 1901, foi figura proeminente no seu Concelho, porta-voz dos agricultores locais, chegando ao cargo de presidente da Câmara Municipal. Partiu em 1976, a poucos dias de fazer 75 anos, num treino na Golegã.

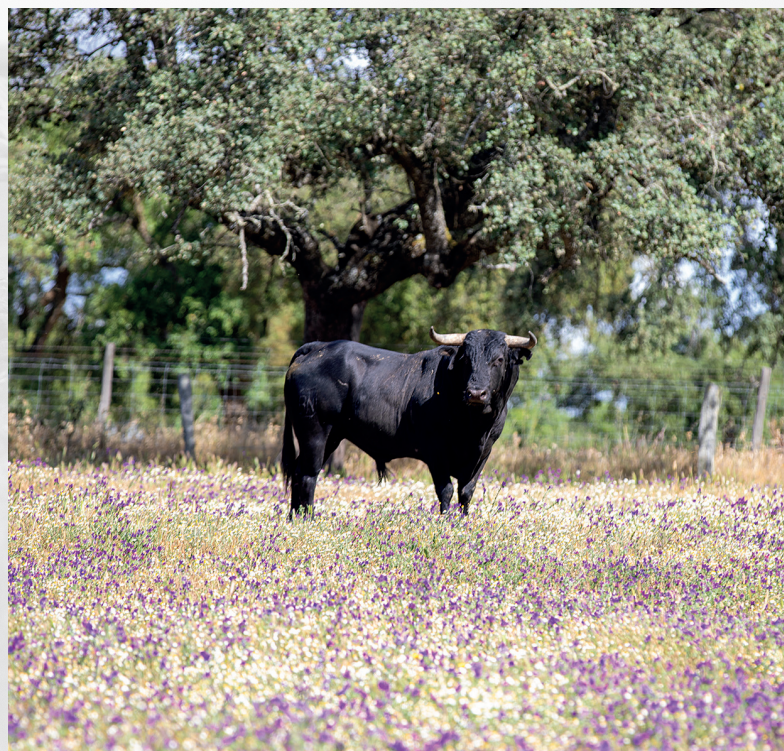
## MOMENTOS SUBLIMES

Novilho “Bandeiro”, lidado em Valência na apresentação da ganadaria – vence o troféu do toiro mais bravo da Feira;

Toiro “Presumido”, lidado em Reguengos de Monsaraz pelo Rui Salvador a 15 de Agosto de 1987, apurado como semental. Padreou na ganadaria, deixando uma ilustre descendência, a qual foi lidada por grandes nomes da tauromaquia espanhola, tais como Espartaco, Ortega Cano, El Soro, Victor Mendes, entre outros, revelando-se enormes êxitos;

Em 1989, Prémio à novilhada mais brava da feira de Arnedo;

Em 1990, o toiro “Indiago” vence o prémio do Toiro de Ouro na feira de Salamanca, sendo premiado com volta ao *ruedo*.



portas”. Da mesma forma defendem que “o aparecimento de um ídolo português nesta arte, à semelhança de outras áreas, ajudaria ao interesse e poderia arrastar mais gente”, lembrando, ainda, que os agentes da Festa podem desempenhar um papel relevante nesse sentido.

João N. afirma, perentório: “Há muito se diz que a festa brava vai acabar e, no entanto, aqui estamos.” Além destes seus defensores

desejarem, com toda a sua vontade, manter viva a cultura tauromáquica, sobressai, sobretudo, o empenho depositado na Divisa, em respeito ao património transmitido pelos seus ancestrais. Estão confiantes na garantia deste legado cultural, onde se cruzam história, arte e vida ligada ao toiro bravo. ■

Texto: Ana Sofia Coelho  
Foto: Miguel Mestre

# “NOSSA SENHORA DE ALCAMÉ” A TERTÚLIA QUE NASCEU MUITO ANTES DE TER MORADA



**C**omeçou sem nome, sem porta e sem endereço fixo. Um grupo de amigos que se encontrava aqui e ali pela cidade de Vila Franca de Xira, sempre com o mesmo pretexto — conviver. Anos mais tarde, em 2006, ganhou casa e nome, na Rua Dr. Miguel Bombarda. Mas, no essencial, pouco mudou. A Tertúlia Nossa Senhora de Alcamé continua a ser aquilo que sempre foi: um lugar onde a amizade se senta primeiro.

## Uma história sem atas nem estatutos

Há histórias que não precisam de grandes discursos para se fazerem ouvir. A desta tertúlia é uma delas. Mais do que atas, estatutos ou quotas, a Nossa Senhora de Alcamé é feita de amizade, família, memórias e de uma participação genuína nas festas e tradições de Vila Franca de Xira.

Luís Letra e Carlos Manuel, dois dos elementos fundadores, recebem-nos nesta casa cheia de memórias felizes e conduzem-nos numa viagem

ao passado. Ao seu lado, João Félix e Filipe Beleza partilham as responsabilidades do grupo — uma distribuição que depende sempre da disponibilidade de cada um, como convém a uma tertúlia que nunca quis ser outra coisa senão aquilo que é.

## O nome também tem história

A sugestão partiu de uma figura bem conhecida da cidade — o “Palhota”. E não foi escolhida ao acaso. “Nossa Senhora de Alcamé” remete para uma das referências mais enraizadas no imaginário religioso e popular ribatejano, ligada à devoção que atravessa gerações em Vila Franca de Xira. Entre romarias, promessas e memórias de família, o nome acabou por fazer sentido para aquele grupo de amigos: quase como um símbolo de pertença à terra e às suas tradições. Talvez por isso tenha ficado. E talvez por isso também pareça assentar tão bem numa

tertúlia onde o convívio, a amizade e o gosto pelas festas da cidade continuam a ser a verdadeira devoção.

## A casa que deu corpo à amizade

Em 2006, Carlos Manuel adquiriu o espaço da Rua Dr. Miguel Bombarda com um objetivo claro: transformá-lo no ponto de encontro permanente que o grupo nunca tivera. A partir daí, a tertúlia ganhou morada certa — mas não perdeu o espírito original. As paredes contam histórias. Numa delas, uma pintura de Nossa Senhora de Alcamé, da autoria da artista local Hermínia Mesquita, criada especialmente para a tertúlia. Noutro canto, uma fotografia que remete para outros tempos: tirada junto da antiga Estalagem do Gado Bravo, aquando da visita da Rainha Isabel II a Portugal,



Luís Letra e Carlos Manuel

em 1957, quando alguns dos membros fundadores eram ainda crianças.

O grupo tem rondado sempre as 10 a 12 pessoas, com entradas e saídas ao longo dos anos, sempre em função das relações de amizade e dos laços familiares que unem os seus elementos. Não há um calendário fixo de reuniões — vão combinando à medida das disponibilidades, como sempre fizeram. A tertúlia não nasceu de um plano estruturado, nem de uma ambição associativa formal. Nasceu da vontade de conviver. E é isso que continua a defini-la.

## Quando a cidade entra em festa

Se há um momento em que a Tertúlia Nossa Senhora de Alcamé se revela em toda

a sua dimensão, é durante o Colete Encarnado. A festa maior de Vila Franca de Xira — com a sua carga tauromáquica, popular e identitária — é vivida aqui por dentro, com uma intensidade que vai muito além da simples assistência. Durante os três dias de festa, a casa da Rua Dr. Miguel Bombarda abre as portas e não as fecha. Recebe convidados, multiplica convivas, enche-se de vozes e de histórias. Uma sardinha nunca falta. Um copo de vinho também não. O número de caras aumenta, as conversas repetem-se e reinventam-se, e o ambiente é, como sempre, de partilha espontânea. Não há um programa rígido — nem há necessidade disso. O essencial mantém-se: a porta aberta, o convívio



genuíno e a ligação profunda à identidade vilafranquense que a tauromaquia encarna e que o Colete Encarnado celebra com paixão. Apesar do gosto que o grupo nutre também pela Feira de Outubro, é no Colete que as vivências se intensificam e que a tertúlia mostra de que é feita.

### Uma ponte entre cidades

Desta vontade de convívio nasceu também um intercâmbio que se tem mantido ao longo dos anos com a tertúlia “Casa da Malta”, de Alcochete. Os alcochetanos são convidados a vir a Vila Franca durante o Colete Encarnado; em contrapartida, os vilafranquenses deslocam-se a Alcochete por ocasião das festas daquela cidade. Uma troca simples, mas com uma lógica profunda: a

de reconhecer nos outros o mesmo amor pelo convívio, pela tradição e pelo sentido de pertença que une estes grupos.

### Tradição que passa de mão em mão

Quando questionados sobre a importância de manter viva a tradição das tertúlias, os membros são unânimes. Num tempo em que o ritmo quotidiano tende a afastar as pessoas, estes espaços cumprem um papel silencioso mas fundamental. São lugares onde a memória coletiva se constrói sem esforço, onde as tradições não são apenas evocadas — são vividas. E a continuidade parece garantida. Filhos e netos já se juntam a estes encontros, numa transmissão natural de valores e rituais que orgulha os fundadores. A tertúlia não é um conceito abstrato nem

uma instituição formal. É um hábito, uma rotina, quase um reflexo natural da amizade que os une há décadas. Num mundo em constante mudança, há algo de profundamente resistente nestes encontros. Não procuram protagonismo, nem reconhecimento público. Mas, à sua maneira, ajudam a sustentar aquilo que faz de Vila Franca de Xira mais do que um lugar: uma comunidade com memória, identidade e continuidade. No fim de contas, é isso que fica. Não apenas uma tertúlia, mas um grupo de amigos que, ao longo do tempo, fez da convivência uma forma de preservar a cidade que partilham — e de transmitir a quem vem a seguir. ■

Texto: Carla Coquenim  
Foto: André Silva

EXPOSIÇÃO

# PROTEGER MEMÓRIA

VILA FRANCA DE XIRA  
E O PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO  
E CONSTRUÍDO

2 JUL.

11 OUT.'26

CELEIRO DA PATRIARCAL  
VILA FRANCA DE XIRA

ENTRADA LIVRE



CÂMARA  
MUNICIPAL

Ligações Fortes  
cm-vfxira.pt



# BARCO VARINO LIBERDADE



## VISITAS/VISITS



Podem ser  
marcadas  
outras visitas  
que não as  
previstas no  
calendário.

Possible  
to book  
other visits  
out of this  
calendar.

### ROTA ESTUÁRIO DO TEJO

VILA FRANCA DE XIRA – VOLTA AOS MOUCHÕES – VILA FRANCA DE XIRA

### ROTA DO VINHO

VILA FRANCA DE XIRA – VALA DA AZAMBUJA – VILA FRANCA DE XIRA

### ROTA DOS AVIEIROS

VILA FRANCA DE XIRA – CONCHOSO – VILA FRANCA DE XIRA

### ROTA DO COMÉRCIO

VILA FRANCA DE XIRA – MARINA PARQUE DAS NAÇÕES

### ROTA ENTRE PONTES

MARINA PARQUE DAS NAÇÕES – PONTE 25 DE ABRIL – MARINA PARQUE DAS NAÇÕES

### ROTA DAS INDÚSTRIAS

MARINA PARQUE DAS NAÇÕES – VILA FRANCA DE XIRA

Reservas  
/ booking



Informações  
/ Info



(+351) 263 285 605



Posto de Turismo Municipal  
Tourism Office



varinoliberdade@cm-vfxira.pt